



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO



EDUCAÇÃO, TERRITÓRIOS E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Atas do II Seminário Internacional



CATOLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO



EDUCAÇÃO, TERRITÓRIOS E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Atas do II Seminário Internacional

Porto . 2017

© 2017 Universidade Católica Portuguesa . Porto
Faculdade de Educação e Psicologia
Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano

Titulo: Educação, Territórios e Desenvolvimento Humano: Atas do II Seminário Internacional . **Organizadores:** Joaquim Machado (coord.), Cristina Palmeirão, Ilídia Cabral, Isabel Baptista, Joaquim Azevedo, José Matias Alves, Maria do Céu Roldão . **Autores:** Adriana de Lima Penteadó, Afonso José Ganho Pereira de Athayde, Aldenor Batista da Silva Junior, Amâncio Carvalho, Amélia de Jesus Marchão, Ana Vigário, Angelina Sanches, António Andrade, Armando Loureiro, Carla Alexandra do Espírito Santo Guerreiro, Carla Baptista, Carla Sofia Oliveira, Carolina Mendes, Célia Beatriz Piatti, Cláudia Aleixo Alves, Cleonice Halfeld Solano, Conceição Martins, Cristiane Mesquita Gomes, Cristina Palmeirão, Cynthia Matínez-Garrido, Daniela Gonçalves, Danilma de Medeiros Silva, Dante Henrique Moura, Darliane Silva do Amaral, Elisabete Corcetti, Elsa Morgado, Elza Mesquita, Erlando Silva Rêses, Eulália Tadeu, Felipe André Angst, Fernando Rebola, Filomena Lume, Francisco Guimarães, Geisa Portelinha Coelho, Germano Borges, Hélder Henriques, Henrique Luís Gomes de Araújo, Ilda Freire Ribeiro, Ilídia Cabral, Íris Daniela Bidarra, Isabel Lage, Jane do Carmo Machado, Joana Leite, Joaquim Azevedo, Joaquim Escola, Joaquim Machado, Joaquim Sousa, Joelci Mora Silva, José Matias Alves, Laura Rocha, Laurinda Leite, Lenilda damasceno Perpétuo, Leonor Lima Torres, Levi Silva, Leyani Ailin Chávez Noya de Oliveira, Luísa Orvalho, Luiz Caldeira Brant de Tolentino-Neto, Manuel Luís Castanheira, Manuel Monteiro, Manuel Peniche Bertão, Marco António Oliva Monje, Marco Cruzeiro, Margarida Maria da Gama oliveira, Maria das Dores Saraiva de Loreto, Maria do Céu Roldão, Maria Filomena Gonçalves Ferreira, Maria Gerlandia de Oliveira Aquino, Maria Isolete Sousa, Maria Ivone Gaspar, Maria Lúcia Massano, Maria Teresa Mateus Pires, Marina Pinto, Mário Cardoso, Mary Rangel, Micheli Bordoli Amestoy, Milena Pimenta de Souza, Paula Marisa Fortunato vaz, Paula Pinto, Paulo de Carvalho, Renata Leite, Rubia Fonseca, Rui Lourenço-Gil, Rui Neves, Samuel Helena Tumbula, Sandra Mónica Dias Almeida, Sefisa Bezerra, Sérgio Olim Gomes de Mendonça, Sílvia Amorim, Sirley Marques da Silva, Sofia Bergano, Sónia da Cunha Urt, Sónia Mirela de Sousa, Soraya Vital, Sueli Mamede Lobo Ferreira, Susana Gastal, Susana Henriques, Teresa Melo Gomes; Rosa Serradas Duarte, Victor Muirequetule, Vincenzo Schirripa, Vitor Barrigão Gonçalves, Wilson ProfirioNicaquela, Zulmira Moreira Ramos **Design e Paginação:** LabGraf . **Colaboração:** Cristina Crava, Francisco Martins . **Editor:** Faculdade de Educação e Psicologia – Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano, Universidade Católica Portuguesa – Porto . **Local e data:** Porto, 2017 . **ISBN:** 978-989-99486-8-6 .

APRESENTAÇÃO	9
ÁREA TEMÁTICA	
PROJETOS LOCAIS E DESENVOLVIMENTO SOCIOCOMUNITARIO	
<hr/>	
A ARTICULAÇÃO DO SISTEMA DE EDUCAÇÃO PARA A EFETIVAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES NO MUNICÍPIO DE LUZIÂNIA-GO	13
Sueli Mamede Lobo Ferreira	
CURRÍCULO, FORMAÇÃO INTEGRAL & EDUCAÇÃO 3.0	27
Rubia Fonseca, Amâncio Carvalho, Joaquim Escola, Armando Loureiro	
FESTAS RELIGIOSAS E COGNIÇÃO POPULAR: UMA APROXIMAÇÃO À FESTA DO DIVINO EM ALCÂNTARA (BRASIL)	49
Susana Gastal, Cristiane Mesquita Gomes	
ENSINO SUPERIOR MILITAR E DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS DE COMANDO E LIDERANÇA	65
Victor Muirequetule, Joaquim Machado	
A EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL NO SÉCULO XX: O DESAFIO DA APRENDIZAGEM NA DIVERSIDADE CULTURAL DOS POVOS INDÍGENAS XUKURU DO ORORUBÁ	83
Maria Gerlandia de Oliveira Aquino	
PROJETO INTEGRA-(TE): PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO NA EXPLORAÇÃO DE NOVOS DESAFIOS	105
Vitor Barrigão Gonçalves, Paula Marisa Fortunato Vaz	
EDUCATION AND COMMUNITY EMPOWERMENT IN THE CONTEXT OF ITALIAN MERIDIONALISM. DANILO DOLCI, A NONVIOLENT LEADER IN SICILY	115
Vincenzo Schirripa	
HÁ LUGAR PARA O ANTROPÓLOGO NOS PLANOS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL?	129
Henrique Luís Gomes de Araújo	
LITERACIA MUSICAL E APRENDIZAGEM SOCIAL: ESTUDO DE CASO	139
Zulmira Moreira Ramos	

ÁREA TEMÁTICA

AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL E PROJETOS DE MELHORIA

AÇÕES DE (AUTO)AVALIAÇÃO E SEUS EFEITOS PARA MELHORIA DA QUALIDADE NO ENSINO SUPERIOR – UM ESTUDO DE CASO	154
Felipe André Angst, José Matias Alves	
A AUTOAVALIAÇÃO COMO PROCESSO DE MELHORIA: UM ESTUDO DE CASO	174
Carla Baptista, José Matias Alves	
AS PERCEÇÕES DOS DIRETORES DE TURMA SOBRE AS SUAS FUNÇÕES E PODERES	183
Sónia Mirela de Sousa, Joaquim Machado	
O PROJETO EDUCATIVO NA PROMOÇÃO DA FUNCIONALIDADE DA ESCOLA	192
Margarida Maria da Gama oliveira, Cristina Maria Gomes da Costa Palmeirão	
SEGURANÇA PSICOLÓGICA DAS EQUIPAS E COMPORTAMENTOS DE APRENDIZAGEM: UM ESTUDO EMPÍRICO EM ORGANIZAÇÕES ESCOLARES	219
Rui Lourenço-Gil, Ilídia Cabral, José Matias Alves	
ENVOLVIMENTO E PARTICIPAÇÃO NA CIDADANIA GLOBAL: REFLEXOS DA FORMAÇÃO	232
Ilda Freire Ribeiro, Sofia Bergano, Conceição Martins, Angelina Sanches, Elza Mesquita	
PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA ESCOLA: MELHORIA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA?	251
Cleonice Halfeld Solano	
O CONTROLO DA QUALIDADE E A GARANTIA DA QUALIDADE EQAVET: DE QUE FALAMOS?	265
Laura Rocha, José Matias Alves	
CONSTRUCCIÓN DE UN MODELO DE ENSEÑANZA EFICAZ	282
Cynthia Matínez-Garrido	
AS LIDERANÇAS INTERMÉDIAS: QUE CONTRIBUTO PARA O (IN)SUCESSO DA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR?	295
Manuel Monteiro, José Matias Alves	
QUALIDADE NA EDUCAÇÃO NO PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CORUMBÁ (MS) BRASIL	315
Marco António Oliva Monje	
UMA EXPERIÊNCIA DE IMPLEMENTAÇÃO DE MÉTODOS DE APRENDIZAGEM DINÂMICA E COOPERATIVA NO CONTEXTO DA DISCIPLINA DE FILOSOFIA	333
Marco Cruzeiro	
O MAL-ESTAR DISCENTE NUMA ESCOLA DO OUTRO SÉCULO: OLHARES DE ALUNOS	353
Carla Baptista, José Matias Alves	

PERCEPÇÃO DA AVALIAÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO HERMENÊUTICO	371
Leyani Ailin Chávez Noya de Oliveira, Wilson ProfirioNicaquela	

ÁREA TEMÁTICA

ALUNOS, PROFESSORES E POLÍTICAS DE INCLUSÃO NA ESCOLA

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA COM ALUNOS EM RISCO USANDO JOGOS DIGITAIS	405
Joaquim Sousa, António Andrade, Joaquim Machado	
AS ATIVIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR: A VOZ DOS ATORES	420
Maria Filomena Gonçalves Ferreira, Joaquim Machado	
PROGRAMA INTEGRADO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO (PIEF): UMA MEDIDA ESCOLAR DE INCLUSÃO OU EXCLUSÃO?	435
Darliane Silva do Amaral	
A CANDIDATURA AO ENSINO SUPERIOR COMO ESTRATÉGIA DE DISTINÇÃO SIMBÓLICA: AS ESCOLHAS DOS ESTUDANTES DISTINGUIDOS POR MÉRITO ESCOLAR NO ENSINO SECUNDÁRIO	450
Germano Borges, Leonor Lima Torres	
PELOS 'JARDINS SECRETOS' DE DUAS ESCOLAS COM POPULAÇÕES ESTUDANTES SEMELHANTES, MAS COM RESULTADOS ACADÉMICOS DIFERENTES	468
Sílvia Amorim, Ilídia Cabral, José Matias Alves	
COMUNIDADE CIGANA CALON EM PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO: CONFLITOS ÉTNICOS E SABERES PLURICULTURAI	489
Lenilda damasceno Perpétuo, Erlando Silva Rêses	
DAS TENDÊNCIAS EUROPEIAS ÀS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM PORTUGAL, COM TECNOLOGIAS EMERGENTES	506
Íris Daniela Bidarra, António Andrade	
OS ESPAÇOS EDUCATIVOS NAS ESCOLAS DO PROGRAMA DE MODERNIZAÇÃO DO PARQUE ESCOLAR DESTINADO AO ENSINO SECUNDÁRIO	523
Manuel Peniche Bertão, José Matias Alves	
O (IN)SUCESSO ESCOLAR NO PRIMEIRO ANO DO CURSO DE ENGENHARIA MECÂNICA	548
Samuel Helena Tumbula, Joaquim Azevedo	
PROMOVER O SUCESSO ESCOLAR ATRAVÉS DA LITERACIA: O EXEMPLO DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL CANGUÇU, NO RIO GRANDE DO SUL	566
Carla Alexandra do Espírito Santo Guerreiro, Geisa Portelinha Coelho	

AS FRONTEIRAS DA SALA DE AULA: CRUZAMENTOS CONSENTIDOS	577
Isabel Lage, José Matias Alves	
A TUTORIA ESCOLAR COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOS JOVENS: SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DE EVIDÊNCIAS	596
Sandra Mónica Dias Almeida, Cristina Palmeirão	
O IMPACTO DAS PROVAS EXTERNAS DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO, PARA ALÉM DOS NÚMEROS: RESULTADOS, REPRESENTAÇÕES E IMPACTOS PERCECIONADOS	620
Ana Vigário, Ilídia Cabral	
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA – EDIÇÃO DE 2014: QUE PRESSUPOSTOS DOS AUTORES E DECISORES CURRICULARES?	639
Francisco Guimarães, Maria do Céu Roldão	
ESTUDIO MULTINIVEL SOBRE EL IMPACTO DE LAS ESTRATEGIAS DE EVALUACIÓN EN EL AULA SOBRE EL RENDIMIENTO ACADÉMICO EN AMÉRICA LATINA	660
Cynthia Martínez Garrido	
O(S) EFEITO(S) DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA PROMOÇÃO DO SUCESSO DA APRENDIZAGEM NA LÍNGUA MATERNA NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO	677
Maria Isolete Sousa, Daniela Gonçalves	
PROJETOS INTERDISCIPLINARES: UMA OPORTUNIDADE DE APRENDIZAGEM CRÍTICA E CRIATIVA	694
Marina Pinto, Renata Leite, Daniela Gonçalves	
A INCLUSÃO SOCIAL ATRAVÉS DO ENSINO DAS CIÊNCIAS: UM ESTUDO CENTRADO NOS CURRÍCULOS BRASILEIRO E PORTUGUÊS	708
Micheli Bordoli Amestoy, Laurinda Leite, Luiz Caldeira Brant de Tolentino-Neto	
ÁREA TEMÁTICA	
DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO PROFISSIONAL	
<hr/>	
A ESCOLA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: CONTRIBUIÇÕES PARA O TRABALHO DOCENTE	731
Jane do Carmo Machado, Mary Rangel, Rui Neves	
A SUPERVISÃO PEDAGÓGICA E O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA	747
Carla Sofia Oliveira	
OS PROFESSORES E A COADJUVAÇÃO EM SALA DE AULA	768
Eulália Tadeu, Joaquim Machado	

A SUPERVISÃO COMO DISPOSITIVO DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL E TRANSFORMAÇÃO DE PRÁTICAS	786
Elza Mesquita, Maria do Céu Roldão	
AS NOVAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: UM PROCESSO EM PARTICIPAÇÃO	803
Amélia de Jesus Marchão, Hélder Henriques, Fernando Rebola	
ESTRATÉGIAS FORMATIVAS E IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO ORGANIZACIONAL E PROFISSIONAL DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS COM ENSINO PROFISSIONAL	824
Luísa Orvalho, José Matias Alves	
O MULTICULTURALISMO E A DOCÊNCIA NO CONTEXTO AMAZÔNICO: A ATUAÇÃO DO PROFESSOR ASSISTENTE NO CURSO DE PEDAGOGIA INTERCULTURAL	839
Sirley Marques da Silva	
FORMAÇÃO BIOÉTICA NO 3.º CICLO DO ENSINO BÁSICO: EVOLUÇÃO, SITUAÇÃO ATUAL E PERSPETIVAS	858
Sérgio Olim Gomes de Mendonça	
ÁREAS CURRICULARES NA EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA: PERSPETIVAS DOS EDUCADORES	881
Manuel Luís Castanheira, Carla alexandra do Espírito Santo Guerreiro	
O CONTRIBUTO DA SUPERVISÃO PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DO DOCENTE ONLINE: REFLEXÕES TEÓRICAS	887
Susana Henriques, Maria Ivone Gaspar, Maria Lúcia Massano	
AS INCERTEZAS DA AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DOCENTE...	899
Teresa Melo Gomes; Rosa Serradas Duarte	
POLÍTICA DE FORMAÇÃO DOCENTE: O PIBID COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO CULTURAL	917
Cláudia Aleixo Alves	
A PROFISSIONALIDADE DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA DE QUALIDADE SOCIAL	931
Adriane de Lima Penteadó	
UM ESTUDO SOBRE AS DIMENSÕES DO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DO ADMINISTRADOR	948
Sefisa Bezerra, Elsa Morgado, Mário Cardoso, Levi Silva	
UM CURRÍCULO CONSTRUÍDO EM TORNO DO MAR: GÉNESE, DESENVOLVIMENTO E POTENCIALIDADES DE UM PROJETO	968
Paula Pinto, José Matias Alves	
PUBLIC EDUCATIONAL POLICIES FOCUSED ON GENDER IN BRAZIL: DILEMMAS AND CHALLENGE	968
Elisabete Corcetti, Maria das Dores Saraiva de Loreto	

QUANDO O PESQUISAR COLABORA PARA FORMAR: PROFESSORAS NAS OFICINAS DE APRENDIZAGEM DO FACEBOOK	1012
--	------

Joelci Mora Silva, Sônia da Cunha Urt

A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DA PSICOLOGIA PARA ATUAR NA INTERFACE COM A EDUCAÇÃO EM MATO GROSSO DO SUL	1025
--	------

Aldenor Batista da Silva Junior, Joelci Mora Silva, Soraya Vital, Sônia da Cunha Urt

ÁREA TEMÁTICA

ESCOLA, TERRITÓRIO E MUNDO DO TRABALHO

ESCOLARIZAÇÃO E MUNDO DO TRABALHO	1047
--	------

Milena Pimenta de Souza

OS MUNICÍPIOS E A DESCENTRALIZAÇÃO EDUCATIVA: RETÓRICA E AÇÃO	1059
--	------

Joana Leite, Joaquim Machado

A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL IMPLEMENTADA COM O PRONATEC E A SUA VINCULAÇÃO COM O MUNDO DO TRABALHO	1068
---	------

Danilma de Medeiros Silva, Dante Henrique Moura

ESCOLA PRIMÁRIA SUPERIOR DO FUNCHAL (1919-1926)	1085
--	------

Filomena Lume

OS CURSOS PROFISSIONAIS EM PORTUGAL, 2005-2016: UMA ABORDAGEM EXPLORATÓRIA DE AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS	1098
--	------

Danilma de Medeiros Silva

PROJETO EDUCATIVO MUNICIPAL: DA RETÓRICA ÀS (PERCEÇÕES SOBRE AS) PRÁTICAS – UM ESTUDO DE CASO	1112
--	------

Maria Teresa Mateus Pires, Ilídia Cabral

A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO INICIAL: O SENTIDO E O SIGNIFICADO DA LEITURA NA VOZ DOS LEITORES	1134
--	------

Célia Beatriz Piatti, Sônia da Cunha Urt, Joelci Mora Silva

POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO EM CONTEXTOS EM DESENVOLVIMENTO PERCEBIDAS NA COMPLEXIDADE DO GLOCAL	1151
--	------

Carolina Mendes, José Matias Alves, Paulo de Carvalho

A AUTOAVALIAÇÃO COMO PROCESSO DE MELHORIA: UM ESTUDO DE CASO

Afonso José Ganho Pereira de Athayde

Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Educação e Psicologia
Porto, Portugal, aathayde@gmail.com

Ilídia Cabral

Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano, Faculdade de Educação e Psicologia
Universidade Católica,
Porto, Portugal, icabral@porto.ucp.pt

Resumo

O objetivo central deste estudo, levado a cabo no âmbito do mestrado em Ciências da Educação da Universidade Católica Portuguesa, foi o de caracterizar as práticas de autoavaliação do colégio X, analisando a eficácia percebida por diferentes atores da comunidade educativa ao nível do desenvolvimento organizacional e da melhoria das aprendizagens. Também se pretendeu verificar quais as condições organizacionais e conhecimentos necessários para implementar práticas de autoavaliação mais consistentes e promotoras de mais desenvolvimento.

Foi possível verificar que docentes, alunos e direção têm uma visão tendencialmente positiva da escola e do seu funcionamento. Não obstante, os dados apontam para que os processos de autoavaliação em curso não estão finalizados e os seus resultados propõem mudanças que efetivamente se tornem realidade na organização escolar. Nem todos os atores educativos envolvidos neste

estudo se sentem participantes nos processos de autoavaliação, apesar de existir uma grande vontade de que isso aconteça. Finalmente, concluímos que existem margens de melhoria que levem a planos de ação concretos, desenhando um futuro focado numa aprendizagem contínua.

Palavras-chave: Autoavaliação; regulação, melhoria; desenvolvimento organizacional

Abstract

The main objective of this study, carried out within the Master of Science in Education of the Universidade Católica Portuguesa, was to characterize the self-assessment practices of the X school, analysing the efficacy perceived by different actors of the educational community in terms of organizational development and improvement of learning. It was also intended to verify the organizational conditions and knowledge needed to implement more consistent self-evaluation practices and promote more development.

It was possible to verify that teachers, students and border of directors have a positive view of the school and its functioning. Nonetheless, the data point out that the ongoing self-assessment processes are not finalized and their results propose changes that effectively become a reality in school organization. Not all the educational actors involved in this study feel involved in self-assessment processes, although there is a strong desire for this to happen. Finally, we conclude that there are margins of improvement that lead to concrete action plans, drawing a future focused on continuous learning.

Keywords: Self-assessment; Regulation, improvement; organizational development

1. Enquadramento

A educação afirma-se enquanto prioridade estratégica na nossa sociedade. As palavras que têm hoje um peso excessivo na vida das escolas (como a eficácia, os *rankings*, os exames, a pressão, os resultados), carecem de ser contrabalançadas por outras, igualmente importantes para a melhoria da educação: pessoa, processo, esforço, dedicação, qualidade.

Com a cada vez maior ocupação dos pais, a escola tem vindo a assumir um peso acrescido na educação das nossas crianças. Por educação não entendemos apenas

a construção de saberes, mas também, e ainda mais, a formação integral da pessoa e a valorização da mesma como parte fundamental de uma sociedade em constante e acelerada mudança.

A credibilidade, quer da escola, quer da profissão docente tem que ser retomada. É necessário investir na melhoria da escola e esta melhoria está indissociavelmente ligada a processos de avaliação.

Como avaliação entendemos um processo de tomada de decisões (Stake, 2006) mas também um processo de determinação de mérito, mais-valias ou significâncias (Scriven, 1999). Distinguimos três conceitos de avaliação: avaliação interna, autoavaliação e avaliação externa. A avaliação interna e externa devem estar interligadas de forma coerente e sistemática, garantindo que servem o seu maior propósito – a melhoria eficaz da escola. A avaliação interna e externa devem coexistir, apesar de não ser fácil de se complementarem. A avaliação interna deve preparar a escola para um olhar externo e a avaliação externa deve devolver com resultados objetivos que reconduzam a uma melhor avaliação interna. Estes dois tipos de avaliação constituem instrumentos de melhoria da escola, que procura ser vista e reconhecida com qualidade e credibilidade que os alunos merecem.

É, então, importante garantir que a avaliação tenha boas consequências sobre o funcionamento da escola. Avaliar por si só não garante essas repercussões, até porque existem alguns perigos que Guerra (2002) considera mais frequentes tais como transformar a avaliação num fim em si mesma, esperar que a avaliação por si só resolva os problemas, desqualificar a avaliação caso os resultados sejam menos satisfatórios ou, até, silenciar eventuais aspetos negativos. Este lado perverso da avaliação não contribui para a melhoria da escola, tornando-a pouco eficaz e coerente. Muitas vezes tem origem em causas que Guerra (2002) sintetiza: algum individualismo inerente à atividade profissional, o tempo e motivações insuficientes, uma rotinização institucional que se encontra muitas vezes instalada, medo dos resultados, um ceticismo da classe docente associado a alguma incredulidade de que os processos de avaliação sejam aplicados em processos de melhoria e na sua capacidade transformadora e também uma crescente falta de responsabilidade social na arbitrariedade em atribuir fracassos e na dificuldade em exigir responsabilidades. Rocha (2007) considera a avaliação uma tarefa difícil e morosa, tendencialmente conflituosa e em que o Projeto Educativo da escola

constituí um instrumento nuclear no desenvolvimento do processo de avaliação, quer na vertente da autoavaliação, quer na vertente da avaliação externa. Quanto à autoavaliação, tornar-se-á um mero exercício académico, desprovido de sentido, se não houver uma reflexão dos seus resultados e a consequente mobilização para a melhoria da escola. É nesta mobilização que reside a sua utilidade. Deve permitir identificar pontos fortes e fragilidades da escola e, por fim, o processo deverá ser concluído com recomendações que se tornem uma mais-valia no funcionamento escolar.

Parece ser relevante perceber o significado de escola eficaz. Segundo Costa (1996), existem traços comuns associados a escolas eficazes, como liderança, visão, valores, identidade da escola, um bom ambiente de aprendizagem e uma cultura forte implementada. Partilho a ideia de McBeath (2004) de que uma escola eficaz é aquela em que “os alunos independentemente do seu estatuto social, podem ir mais longe, podem fazer melhor e atingir melhores resultados do que se esperava” (p. 128). Do movimento das *escolas eficazes* (effective school), em que se pretendeu mostrar que sob determinadas condições, as escolas podem realmente marcar diferenças na melhoria dos resultados dos alunos, passando pelo movimento de *melhoria da escola*, em que se procurou um maior equilíbrio entre as pressões externas e uma autonomia escolar e em que os processos de ensino aprendizagem se constituem no foco de mudança (Bolívar, 2012). Este último movimento é baseado na procura das *boas escolas*, em que Cabral (2014) as entende como aquelas que têm “uma ampla concepção dos resultados dos alunos e centram a inovação na melhoria dos processos de aula e na promoção da capacidade interna de mudança de cada escola” (p. 138).

A melhoria das escolas nunca se encontra terminada. Tal como a autoavaliação, é um processo em constante mutação, em função de contextos diferentes, de realidades que mudam e de tempos que se querem modernos e atuais. Melhorar é o mote que nos deve mover a todos, e que me conduziu, em particular, à investigação em causa.

2. Problema e objetivos da investigação

O problema que nos convocou para esta investigação parte do pressuposto de que é possível aprender mais com a reflexão sistemática sobre o que fazemos, melhorando práticas e dispositivos de autoavaliação que possam estar ao serviço do desenvolvimento organizacional e profissional.

O objetivo central deste estudo foi o de caracterizar as práticas de autoavaliação do colégio X, analisando a eficácia percebida por diferentes atores da comunidade educativa ao nível do desenvolvimento organizacional e da melhoria das aprendizagens.

Também se pretendeu verificar quais as condições organizacionais e conhecimentos necessários para implementar práticas de autoavaliação mais consistentes e promotoras de mais desenvolvimento.

3. Breve enquadramento metodológico

Quanto à natureza do estudo, tratou-se de um estudo de caso de tipo descritivo, analítico e interpretativo, que pretendeu conhecer em profundidade as dinâmicas de autoavaliação implementadas e os seus reflexos ao nível da melhoria dos processos e dos resultados educativos.

O estudo consistiu numa abordagem essencialmente qualitativa e de cariz etnográfico ao objeto de investigação.

Procurámos ouvir, sentir e compreender as perceções dos diferentes grupos de atores que é possível encontrar nas escolas: professores, alunos e lideranças.

Usaram-se as seguintes técnicas e instrumentos de recolha de dados: Entrevista semiestruturada à Direção do Colégio, Aplicação de um questionário ao universo dos professores, Grupo de discussão focalizada com grupos de alunos de anos terminais, 9º e 12º anos.

4. Conclusões

Verificámos que o Colégio procura pautar a sua conduta por um esforço de aperfeiçoamento a todos os níveis, realçando todas as dimensões da pessoa, numa

busca de resultados educativos e contribuindo para a formação integral dos seus alunos.

Contudo, este desiderato só pode ser conseguido através de uma reflexão sistemática sobre os processos educativos, capaz de contribuir para o desenvolvimento organizacional da escola. Esta reflexão terá de se alicerçar em práticas de autoavaliação que permitam à escola pensar-se a si mesma, tornando-se uma organização aprendente (Senge, 1990).

A caracterização das práticas de autoavaliação do Colégio foi realizada analisando a eficácia percebida por diferentes atores da comunidade educativa ao nível do desenvolvimento organizacional e da melhoria das aprendizagens.

Depois de analisada e triangulada toda a informação recolhida é possível chegar-se às seguintes conclusões:

1. As escolas são únicas e irrepetíveis, com alunos também únicos e irrepetíveis, o que nos impede de olhar para todas as escolas e para a sua organização da mesma forma. Costa (1996) propõe um conjunto de metáforas que tentam explicar o funcionamento da escola como organização. Cada uma destas imagens de escola, de per se, é muito redutora da realidade, mas em todas elas podem existir traços que se adequam ao Colégio estudado. Esta foi uma realidade de que nos apercebemos quando nos fomos dando conta de pontos fortes e debilidades do Colégio. Do ponto de vista organizacional, esta instituição pode ser visto como *Empresa*, já que existe uma uniformidade curricular e uma organização de espaços educativos e de horários e também agrupamentos rígidos de alunos. Mas podemos lê-la, também, à luz da imagem da *Burocracia*, onde tudo se tenta planear, organizar e controlar, sendo que o Colégio faz assentar o seu funcionamento num grande normativismo e numa hierarquia forte e marcada.

A metáfora da *Democracia* ajusta-se também à leitura desta realidade na medida em que se valoriza cada pessoa e se aceita um projeto educativo aglutinador de uma ação comum. Como em todas as escolas, existe uma conflitualidade natural de interesses, tornando-a mais imprevisível e menos racional, o que pode ser explicado à luz da imagem de *Arena Política*. Por estar sujeito a pressões externas, sejam elas políticas, sociais, das famílias

ou outras, o Colégio pode ser ainda visto através da imagem da *Anarquia* organizada. Com uma cultura forte e enraizada, uma especificidade única, fruto de valores, crenças e rituais e também com uma dimensão simbólica bem presente, o Colégio encaixa também na imagem de escola como *Cultura*. Por outro lado, como todas as escolas, parece projetar uma imagem que depende de fatores como normas e regras, resultados escolares ou até expectativas dos alunos e das respectivas famílias, originando alguma inconsistência entre o falar e o agir: estamos perante a metáfora *neoinstitucional* de escola.

Entender e (re)conhecer a organização escolar nestas metáforas, com todas as suas ambiguidades e contradições, condições únicas e de difícil explicação, rituais e conflitos próprios, conduzirá certamente a uma melhoria da escola.

2. O Colégio tem práticas de autoavaliação instituídas. De entre elas sobressaem a avaliação de desempenho e um trabalho colaborativo muito valorizado pela classe docente. Os professores consideram, embora nem sempre de forma unânime, que a autoavaliação traz benefícios a todos os níveis: organizacionais, nas lideranças e nas suas decisões, na imagem que a escola dá ao meio envolvente, na formação, nas práticas pedagógicas e nas aprendizagens. Os processos de autoavaliação também têm conduzido a mais inovação e renovação das práticas pedagógicas.

3. A comunicação e as consequências dos processo de autoavaliação nem sempre estão claras para os docentes e são quase desconhecidas pelos alunos, indiciando existir um défice na implicação de toda a comunidade educativa nestas práticas, com realce para os alunos e pais, mas também para os não docentes.

5. Perspetivas

A reflexão que foi desenvolvida ao longo deste estudo aponta para a existência de concordâncias e discrepâncias entre as conceções que os docentes têm, as suas opiniões sobre as práticas instituídas, o sentir do aluno relativamente às mesmas e, por fim, as apreciações que a Direção faz sobre processos de autoavaliação que existem, as suas consequências e respetiva monitorização.

Estas disparidades verificadas, fruto de formas de pensar diferentes, de tensões evidentes e naturais numa escola, abrem espaço a alguma ponderação sobre os fatores que as geram, para que num futuro possa ser efetivada uma autoavaliação envolvente e conducente a melhores aprendizagens e ao desenvolvimento profissional e organizacional.

Sendo assim, propõe-se que se revejam as sugestões de melhoria dos professores, dos alunos e da Direção do Colégio:

- . instituição de uma equipa de autoavaliação formal em articulação com equipas disciplinares;
- . aulas assistidas e observação pelos pares;
- . constituição de um referencial de AA a aplicar a pais, alunos, docentes e não docentes, anualmente, com uma publicação dos resultados, após um tratamento estatístico dos dados e das medidas a implementar que daí decorrerem;
- . a possibilidade das propostas de melhoria de todos os membros da comunidade educativa serem entregues, de forma anónima, à Direção, que depois de as analisar tentaria dar resposta às mesmas, de forma periódica.

Parece-nos ainda ser importante um diagnóstico da situação atual do Colégio nas suas várias dimensões, responsabilizando todos e cada um, a escola no seu todo, pelos pontos fortes e pontos de melhoria, num processo sistemático e contínuo, possível e simples, que envolva toda a comunidade educativa e que leve a planos de ação concretos, desenhando um futuro focado na constante aprendizagem que mantenha o Colégio no caminho seguro, mas sempre inacabado, da excelência.

Quanto aos resultados, verificámos com agrado, que docentes, alunos e direção, têm uma visão positiva da escola e do seu funcionamento. Também foi visível que os processos de AA em curso não estão finalizados e os seus resultados propõem mudanças, que efetivamente se tornem realidade na organização escolar. Constatámos que nem todos os atores educativos envolvidos neste estudo, se sentem participantes nos processos de AA, apesar de existir uma grande vontade de que isso aconteça. Finalmente, concluímos que existem margens de melhoria, com aliás deve acontecer em qualquer organização aprendente.

6. Referências bibliográficas

- Bolívar, A. (2012). *Melhorar os processos e os resultados educativos - O que nos ensina a investigação*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Cabral, I. (2014). *Gramática Escolar e (In) Sucesso – Os projetos Fénix, Turma Mais e ADI*. Porto: Universidade Católica Editora.
- Costa, J. (1996). *Imagens organizacionais de Escola*. Porto: Edições Asa.
- Guerra, M. (2002). *Entre bastidores. O lado oculto da organização escolar*. Porto: Edições Asa.
- MacBeath, J. (2004). Putting the self back into self-evaluation. In *Improving Schools*, vol. 7, nº 1. SAGE Publications, pp. 87-91.
- Rocha, C. (2007). Racionalidade organizacionais e relações de poder na escola pública portuguesa: construindo uma gestão mais democrática.
- Scriven, M. (1999). *The Nature of Evaluation. Part I: Relation to psychology*. ERIC®/AE Digest Series EDO-TM-99-06.
- Senge, P. (1990). *A quinta disciplina: arte, teoria e prática da organização de aprendizagem*. S. Paulo, SP, Brasil: Best Seller.
- Stake, R. (2006). *Evaluación comprensiva y evaluación baseada en estándares*. Barcelona: Editora Graó.